Caro Leitor,

A licença CC-BY-NC-AS, adotada pela UAB para os materiais didáticos do Projeto BibEaD, permite que outros remixem, adaptem e criem a partir destes materiais para fins não comerciais, desde que atribuam o devido crédito e que licenciem as novas criações sob termos idênticos. No interesse da excelência dos materiais didáticos que compõe o Curso Nacional de Biblioteconomia na modalidade a distância, foram empreendidos esforços de dezenas de autores de todas as regiões do Brasil, além de outros profissionais especialistas, no sentido de minimizar inconsistências e possíveis incorreções. Neste sentido asseguramos que serão bem recebidas sugestões de ajustes, de correções e de atualizações, caso seja identificada a necessidade destas pelos usuários do material hora apresentado.

LISTA DE FIGURAS

SUMÁRIO

UNIDADE 1

IDEIAS GERAIS

1.1 OBJETIVO GERAL

Apresentar a disciplina dentro do contexto da totalidade da matriz curricular e dos segmentos sob os quais está ela estruturada.

1.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Ao final desta aula, você deverá ser capaz de:

a) construir uma ideia abrangente da disciplina que irá cursar;

b) descrever como se dá a relação desta disciplina com as demais disciplinas do curso;

c) caracterizar a interação dos segmentos nos quais a disciplina está dividida.

1.3 INTRODUÇÃO

A proposta desta disciplina é apresentar a relação existente entre a área da Biblioteconomia e a profissão que você está se propondo a abraçar e a sociedade. Nenhuma área ou profissão é isolada do que acontece no mundo. Ao contrário, nós, profissionais, somos protagonistas, ou seja, exercemos influência sobre o mundo na medida em que temos ações efetivas e transformamos, via trabalho, a realidade que nos cerca. Claro que também somos influenciados por outros protagonistas de outras áreas. Essa relação nunca tem fim. O mesmo acontece em nossas vidas: nós influenciamos as pessoas com nossas palavras e, em especial, com nossos exemplos. Nossos filhos, pais, parentes, amigos, colegas de trabalho e de escola, vizinhos, todos, em alguma medida, são influenciados por nós e nos influenciam. Reparamos nos outros, em suas atitudes, em seus comportamentos, em suas ideias, concepções. Muitas delas nós seguimos, assumimos, pois disseram algo que se enquadrou em nossas verdades. Outras, com as quais não concordamos, nós descartamos, nós as entendemos como inapropriadas, como não verdades.

Muitos professores deixaram marcas em nossas vidas, contribuíram para nossa formação. Tanto profissional quanto individual. Nós nos construímos a partir das relações que tivemos no decorrer da vida. Da mesma forma que recebemos influências, também influenciamos. Essa é a nossa história e será assim para sempre. Somos frutos dessa história, não só a que está próxima a nós, mas da própria história do homem. Somos produto do diálogo do homem com outros homens, com a natureza, com a cultura – isto é, da interferência do homem na natureza, modificando-a.

O diálogo do homem gera conhecimentos que são transmitidos para outros homens. Esses outros homens se apropriam desses conhecimentos quando se relacionam com o mundo, com as outras pessoas. Todos nós estamos sempre discutindo com o mundo, colocando em dúvida o que está sendo veiculado, disseminado. Infelizmente, nós discutimos e colocamos em xeque uma parte do que é transmitido, uma parte das informações que são veiculadas. Outras, ao contrário, por uma série de fatores, são apropriadas sem muita ou qualquer reflexão.

Explicativo

[...] Para essa filosofia, o homem não é um ser individual, mas uma relação dialógica entre eu-tu. O 'tu' é condição de existência do 'eu', pois a realidade do homem é a realidade da diferença entre um 'eu' e um 'tu'. O 'eu' não existe individualmente, senão como abertura para o outro. Origina-se aí a constituição do par fundador – eu-outro.

Para Bakhtin, o fundamento de toda a linguagem é o dialogismo, essa relação com o outro. *A vida é dialógica por natureza. Viver significa participar de um diálogo* (BAKHTIN, 1961, p. 293). Tudo o que me diz respeito vem-me do mundo exterior por

> meio da palavra do outro. Todo enunciado é apenas um elo de uma cadeia infinita de enunciados, um ponto de encontro de opiniões e visões de mundo. Nessa rede dialógica que é o discurso, instituem-se sentidos que não são originários do momento da enunciação, mas que fazem parte de um *continuum*. *Um locutor não é o Adão bíblico, perante objetos virgens, ainda não designados, os quais ele é o primeiro a nomear* (BAKHTIN, 1979, p. 319). Dito de outra maneira, o indivíduo não é a origem de seu dizer.
>
> Dessa forma, é necessário pensar sempre no homem em relação aos (e com) outros homens e afirmar que o indivíduo é social e somente constitui-se verdadeiramente humano na relação viva, ou seja, cotidiana e social, com os outros seres humanos [...] (PIRES, 1999, p. 39).[1]

O fato de não conseguirmos refletir sobre toda informação que nos circunda demonstra que não temos poder sobre todas essas informações. Elas existem ao nosso redor e se concretizam quando apropriadas. No entanto, como não temos poder sobre todas elas, muitas nos "invadem" e interferem em nosso conhecimento. Vamos nos aprofundar um pouco mais sobre isso em outro segmento da disciplina. Mas vale ressaltar que nosso conhecimento não é apenas gerado por nós mesmos, em nós mesmos; o nosso conhecimento se constitui na relação com o mundo, com os outros, com a natureza.

1.4 SUBDIVISÕES

O primeiro grande segmento da disciplina *História social do conhecimento, das bibliotecas e da Biblioteconomia* procura lidar com a história do conhecimento não apenas a partir de dados fatuais, mas com seus aspectos sociais, sua relação com a sociedade. O mesmo se dá quanto à história das bibliotecas e da Biblioteconomia.

É possível começar a contar uma história, se for um ser humano, a partir de seu nascimento. Mas seria esse o marco inicial da vida desse ser humano? Quando uma vida começa, de fato, a existir? No momento da fecundação; no terceiro mês do feto ou no exato instante do parto? Esse ser humano não traz características genéticas de pais, avós e outros antecedentes? Vamos considerar então que a vida desse ser humano é anterior à fecundação? Datas, fatos, marcos, coisas assim são importantes para estudo, embora devamos ter em conta que eles são aleatórios, dependentes de quem conta a história. Posso achar que um acontecimento é mais importante que outros na história de alguém ou de algum fato. Determino essa importância a partir das minhas verdades. Mais importan-

[1] PIRES, V. L. Dialogismo e alteridade ou a teoria da enunciação em Bakhtin. **Organon**: revista do Instituto de Letras da UFRGS, [Rio Grande do Sul], v. 16, n. 32-33, p. 39, 2002. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/organon/article/viewFile/29782/18403>. Acesso em: 15 dez. 2016.

te que os fatos é a relação deles com os acontecimentos do momento, do mundo, das pessoas, da natureza. Cada pessoa conta a história a partir de suas perspectivas, de seus olhares, de suas convicções.

Figura 1 – Quando uma vida começa, de fato, a existir? A resposta a essa indagação vai variar de acordo com as convicções mais profundas de cada um.

Fonte: Wikimedia Commons[2]

Uma pessoa religiosa – sendo este um exemplo bastante genérico – entenderá a história do mundo a partir da teoria criacionista; outra pessoa não religiosa, por sua vez, explicará a história do mundo do ponto de vista evolucionista. Claro que as coisas não são exatamente assim, ou seja, há religiosos que acreditam e defendem a teoria evolucionista. Assim, a religião não define, necessariamente, o pensar das pessoas, ela é mais um dos elementos que nos levam a tomar decisões em relação aos nossos pensamentos, nossas ideias e convicções.

Explicativo

Criacionismo

A questão sobre as **origens do homem** remete a um amplo debate, no qual **filosofia**, **religião** e **ciência** entram em cena para construir diferentes concepções sobre a existência da vida humana e,

[2] WIKIMEDIA. Ed Uthman. Disponível em:<https://commons.wikimedia.org/wiki/Category:Human_embryos#/media/File:9-Week_Human_Embryo_from_Ectopic_Pregnancy.jpg>. Acesso em: 13 out. 2018.

implicitamente, porque somos o único espécime dotado de características que nos diferenciam do restante dos animais.

Desde as primeiras manifestações mítico-religiosas o homem busca resposta para essa questão. Nesse âmbito, a **Teoria Criacionista** é a que tem maior aceitação. Ao mesmo tempo, ao contrário do que muitos pensam, as diferentes religiões do mundo elaboraram uma versão própria da teoria criacionista. (SOUSA, R. G., 2016).[3]

Criacionismo no cristianismo

O **cristianismo** adota a **bíblia** como fonte explicativa sobre a criação do homem. Segundo a narrativa bíblica, o homem foi concebido depois que Deus criou céus e Terra. Também feito a partir do barro, o homem teria ganhado vida quando *Deus* assoprou o fôlego da vida em suas narinas. Outras religiões contemporâneas e antigas formulam outras explicações, e algumas chegam a ter pontos de explicação bastante semelhantes. (SOUSA, R. G., 2016).[4]

Explicativo

Teoria da Evolução

A Teoria da Evolução é fruto de pesquisas, ainda em desenvolvimento, iniciadas pelo legado deixado pelo cientista inglês Charles Robert Darwin e pelo naturalista britânico Alfred Russel Wallace.

Em suas pesquisas, ocorridas no século XIX, *Darwin* procurou estabelecer um estudo comparativo entre espécies aparentadas que viviam em diferentes regiões. Além disso, ele percebeu a existência de semelhanças entre os animais vivos e em extinção. A partir daí, concluiu que as características biológicas dos seres vivos passam por um processo dinâmico em que fatores de ordem natural seriam responsáveis por modificar os organismos vivos. Ao mesmo tempo, ele levantou a ideia de que os organismos vivos estão em constante concorrência e, a partir dela, somente os seres melhores preparados às condições ambientais impostas poderiam sobreviver.

[...] Contando com tais premissas, esta teoria afirma que o homem e o macaco possuem uma mesma ascendência, a partir da qual estas e outras espécies se desenvolveram ao longo do tempo. Contudo, isso não quer dizer, conforme muitos afirmam, que Darwin supôs que o homem é um descendente do macaco. Em sua obra, A Origem das Espécies, ele

[3] SOUSA, R. G. Criacionismo. **Brasil Escola**. Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/historiag/criacionismo.htm>. Acesso em: 28 dez. 2016.

[4] SOUSA, R. G. Criacionismo. **Brasil Escola**. Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/historiag/criacionismo.htm>. Acesso em: 28 dez. 2016.

sugere que o homem e o macaco, em razão de suas semelhanças biológicas, teriam um mesmo ascendente em comum.

A partir dessas afirmações e dispondo de outras áreas da ciência, como a Genética e a Biologia Molecular, vários membros da comunidade científica, ao longo dos anos, se lançaram ao desafio de compreender o processo de variação e adaptação de populações ao longo do tempo, e o surgimento de novas espécies a partir de outra preexistente.

Quanto a uma das espécies estudadas, Homo sapiens sapiens, surgida há aproximadamente 120 mil anos, sabe-se que esta tem parentesco com os antigos hominídeos. Este grupo, que surgiu há mais de quatro milhões de anos, contempla, além de nós, o *Homo habilis* (2,4 - 1,5 milhões de anos) o *Homo erectus* (1,8 - 300 mil anos), o *Homo sapiens neanderthalensis*, com cerca de 230 a 30 mil anos de existência, e vários outros. Uma constatação interessante é a de que hominídeos de espécies diferentes já coexistiram em um mesmo período.

No dia a dia, costumamos nos referir à expressão 'teoria' como sendo algo superficial, simplório, uma especulação. Entretanto, nas investigações científicas, o termo se refere a uma hipótese confirmada por inúmeras experimentações, com alto grau de precisão, durante muito tempo. Assim, estas são dignas de bastante credibilidade. A Teoria da Evolução, assim como a Teoria da Gravitação Universal, são alguns exemplos. (SOUSA, R. G.; ARAGUAIA, M., 2016).[5]

Estou afirmando aqui que as explicações que damos ao mundo estão totalmente envolvidas com nossas concepções, nossas certezas, nossas verdades. Não nos dissociamos do que pensamos, de como entendemos o mundo.

Disse acima que a tendência é que uma pessoa religiosa entenderá a história do mundo a partir da teoria criacionista. No entanto, essa é uma tendência que não pode ser generalizada. Há pouco tempo, o *Papa Francisco* afirmou que a Teoria Evolucionista não traz contradição para a fé católica.

Multimídia

Veja como o *Papa Francisco* se posiciona sobre o tema nos seguintes vídeos:

<https://www.youtube.com/watch?v=Qvei2HxNL2A>.
(Papa Francisco acredita na Teoria da Evolução)

<https://www.youtube.com/watch?v=VQ6lnYcJXD0>.
(Papa Francisco diz que teorias da evolução e do Big Bang não contradizem o cristianismo)

[5] SOUSA, R. G.; ARAGUAIA, M. **Teoria da evolução**. Brasil Escola. Disponível em: <http://brasilescola.uol.com.br/historiag/evolucionismo.htm>. Acesso em: 28 dez. 2016.

Veja também o que diz o Papa, em 28 de outubro de 2014: a "evolução da natureza não é incompatível com a noção de criação, pois exige a criação de seres que evoluem.".[6]

O segundo grande segmento de nossa disciplina é "produção e circulação social dos registros do conhecimento."

O conhecimento é criado e produzido individualmente, mas sempre na relação com o mundo e com os outros. Explicando melhor: cada ser humano constrói seu conhecimento, mas só consegue fazê-lo a partir de relações com o mundo, ou seja, defendo aqui que não é possível construir conhecimento isoladamente, solitariamente. Temos um pensamento caótico que se estrutura quando estamos em contato com o exterior, quer conversando com outros (incluindo autores de livros, textos, filmes, teatros, obras de arte, etc.), quer escrevendo, quer ouvindo palestras ou sob qualquer forma em que se veicule oralmente um determinado conhecimento. É assim que organizamos nosso pensamento e nosso conhecimento.

Além disso, temos uma necessidade quase visceral de disseminar o que aprendemos, o que pensamos, o que refletimos. Mas essa veiculação pode se dar – incluindo o seu recebimento – de maneira momentânea, efêmera (quando falamos com uma pessoa, tocamos uma música, assistimos a uma palestra, vemos um filme, participamos de uma aula, de um evento, etc.), ou pode se dar de maneira mais permanente (quando registramos nossa conversa em uma gravação, pintamos um quadro, gravamos um CD, escrevemos um livro, etc.).

As duas maneiras de disseminação são de interesse da Biblioteconomia, mas a segunda, por permitir que o conhecimento registrado possa ser recuperado, tende a obter uma maior preocupação dos profissionais que atuam na área e dos pesquisadores e estudiosos que se interessam por ela.

As disseminações efêmeras acabam por se concretizar em um momento específico e se perderem. As pessoas que estavam no instante em que ocorreu a disseminação puderam se apropriar do seu conteúdo, mas apenas elas. Já as disseminações mais permanentes, registradas em suportes, têm um alcance muito maior. Qualquer pessoa que se relacione com o conteúdo dos suportes poderá se apropriar dele.

Além disso, o conhecimento registrado permanecerá ou poderá permanecer por muito tempo como uma possibilidade a ser disseminada e veiculada.

Por exemplo, muitos dos livros escritos na Idade Média sobreviveram a guerras ou mesmo desastres naturais e, por esse motivo, temos acesso ao conhecimento daquela época. *Fernando Báez* traz inúmeros exemplos desses acontecimentos em seu livro *História universal da destruição dos livros*. Ele afirma que a destruição dos livros começa na Suméria e acompanha toda a história do homem. Conta ele sobre a destruição da biblioteca de Assurbanipal (para se ter uma ideia, os arqueólogos conseguiram resgatar 20.720 tabuletas e milhares de fragmentos de outras). Na Grécia, afirma o autor que "segundo as estimativas mais otimistas, 75% de toda a literatura, filosofia e ciência grega se perdeu" (2006, p. 49). Infelizmente, são vários os casos sobre a destruição dos livros no decorrer da história.

[6] Disponível em: <http://www.catolicismoromano.com.br/content/view/5062/37/>.

A preocupação da disciplina passa pela discussão da relação entre os suportes e as alterações que sofreram e sofrem quando relacionados às mudanças e transformações da sociedade.

Todos os grandes segmentos da multimídia influenciam e interferem naqueles que, de alguma maneira, se relacionam com eles. O livro, por exemplo, pode alterar o conhecimento da pessoa, criando conflitos que precisam de uma reorganização para fazer frente à "perda de chão". Uma leitura pode levar as pessoas a se questionarem e isso exige a procura por novas concepções, novos entendimentos sobre o tema básico tratado no texto.

Essa "deixa" nos leva ao terceiro segmento da disciplina: "cultura e sociedade".

Há temas, dentro do espectro de temas existentes no conhecimento humano, que são de difícil abordagem. Normalmente, isso ocorre quando os pesquisadores e estudiosos não chegam a um consenso sobre seus conceitos. Isso pode parecer, em um primeiro momento, algo ruim. Espera-se que todos partam de uma mesma concepção sobre um assunto quando o estudam. No entanto, concepções diferenciadas levam a debates, discussões, embates, reflexões, contribuindo assim para o desenvolvimento de uma determinada área. Se todos pensassem da mesma maneira, provavelmente os conceitos não seriam questionados com a mesma dinâmica que o são quando diferentes e, até mesmo, antagônicos.

O conflito não é ruim, neste caso; ele leva uma área a questionar aquilo que dizem estar consolidado, sedimentado. Isso, claro, leva à procura de novas formas de abordar, entender e explicar um fenômeno, uma situação, uma realidade, etc.

Cultura é um desses temas. Como veremos, a cultura possui inúmeras formas de ser entendida. Ela é, a exemplo da informação, "polissêmica". Discutiremos melhor sobre essa palavra, mas basta, agora, dizer que ela exprime "algo que possui vários significados". Exatamente isto ocorre com o termo *cultura*: ele possui vários significados.

Poderia dizer para vocês o que eu entendo por cultura, mas isso implicaria apresentar apenas um de seus inúmeros significados.

Na área da Biblioteconomia, não temos um significado específico e único para o termo "cultura", a exemplo do que ocorre em outras áreas. O significado dessa palavra dependerá das concepções do pesquisador, estudioso, interessado ou profissional que a estiver utilizando. Mais: dependerá também da época em que qualquer uma daquelas pessoas estiver vivendo.

O quarto grande segmento da disciplina é "memória e patrimônio".

A história de um povo se constrói a partir de seu passado. Somos produto de lutas, embates, busca por poder, domínio, etc. De alguma forma tudo isso precisa ser preservado, mantido e, quando necessário, resgatado.

Infelizmente, pelo fato da história ser produto dessas lutas por poder, o domínio de um grupo sobre outro também se deu – e se dá ainda – pela destruição de seu passado. Essa é uma forma de concretizar a supremacia militar, por exemplo, daquele que venceu uma guerra.

A memória de tudo o que alguém vivenciou ou que um povo, uma raça, uma nação vivenciaram deve ser mantida, preservada, disseminada. Claro que a memória convive com o esquecimento, pois, se não fosse assim, vivenciaríamos constantemente sofrimentos (relembrar momentos felizes é sempre bom e gostoso, mas recordar situações de dor, sofrimento perda, ao contrário, nos traz tristeza, infelicidade).

Figura 2 – Nossa memória é algo complexo que não se abre simplesmente quando queremos e a qualquer momento. Ela faz exigências e depende da nossa relação com o mundo.

Fonte: Free Images. [7]

Em relação ao patrimônio, é claro que uma disciplina dentro de um curso de Biblioteconomia não tem uma preocupação direta com a questão do patrimônio arquitetônico, com a construção de edifícios; o interesse está voltado para o patrimônio cultural, o patrimônio de conhecimentos, o patrimônio intangível, o patrimônio imaterial. Isso nos leva a uma relação próxima com a cultura e com a memória. Incluímos nesta ideia as manifestações populares, o folclore, as tradições de um povo que se traduzem em músicas, histórias, contos, "causos", cordel (no caso do Brasil), etc.

As bibliotecas buscaram preservar o conhecimento humano, e este se constitui em um patrimônio imaterial, em um patrimônio cultural de uma determinada civilização e/ou da humanidade como um todo.

Não apenas o conhecimento impalpável deve constituir o patrimônio de um povo, mas também as construções, o artesanato, o tipo de casa de determinadas regiões, os artefatos de trabalho, pesca, caça, mobiliários, etc.

Todos esses itens representam e traduzem a história das relações entre as pessoas daquela região, da relação das pessoas com a natureza.

Os grandes segmentos da disciplina serão finalizados com o tópico "políticas de informação".

Todo governo possui políticas para as áreas em que sua atuação é necessária. Tais políticas podem ser explícitas ou implícitas. As políticas explícitas são aquelas que estão materializadas em documentos e tramitam pelas instâncias existentes na estrutura burocrática do Estado, ou seja, elas estão claramente definidas e são construídas, boa parte das vezes, após consulta à sociedade ou a instituições organizadas e aceitas como interlocutoras. Outras vezes – e não poucas – as políticas são elaboradas

[7] FREE IMAGES. Gabor Kalman. Disponível em: <https://www.freeimages.com/photo/thinking-1547385>. Acesso em: 13 out. 2018.

exclusivamente pelo aparato governamental, sem a participação direta da sociedade ou de seus setores.

As políticas implícitas são aquelas que existem, mas não estão registradas e não são veiculadas. Elas são tácitas e possuem regras que são assimiladas e cumpridas pelos servidores que estão com elas envolvidos.

Algumas vezes, as políticas são explícitas, mas não cumpridas, ou seja, nas entrelinhas do texto que as concretiza, há políticas implícitas, tácitas e que podem mudar o que está exteriorizado formalmente.

Na área da informação isso também ocorre. Historicamente, o Brasil teve várias políticas para a informação. Algumas tiveram mais êxito que outras. Essas políticas estão atreladas às concepções presentes nas propostas de campanhas de partidos e de políticos. Tais propostas definem – ou deveriam definir – todas as ações do governo eleito. Isso significa que as políticas de informação não são isoladas, elas também devem ser incluídas nas ações dependentes das bases políticas que sustentam esse governo.

As políticas podem existir, como disse, de maneira explícita, sustentadas por leis e decretos. As leis são dependentes de decretos para serem viabilizadas. Ainda há inúmeros itens presentes na *Constituição de 1988* que não foram concretizados pela falta de um decreto que os viabilize. Em 1991, por exemplo, o governo do estado de Sergipe aprovou uma lei que criava o *Sistema de Bibliotecas Escolares do Estado de Sergipe,* mas ele nunca foi implantado. Por outro lado, no que tange às universidades brasileiras, na avaliação delas foram incluídos vários itens referentes à biblioteca e, entre eles, a existência de um profissional formado em Biblioteconomia. Isso, como você pode perceber, aumentou e muito o campo de trabalho dos bibliotecários. O *Livro verde* e o *Livro branco*, como você verá mais à frente, foram uma tentativa de criar uma política para a área de tecnologia, abrindo espaço para a inclusão digital. Sabemos que as coisas não são tão simples quando tratamos de políticas, sejam elas referentes a quaisquer áreas. Não basta uma proposta ou o desejo de um órgão ou de algumas pessoas. É preciso que vários segmentos estejam inseridos e assumam a ideia. As coisas são complexas e não se resolvem apenas nas palavras ou com ações isoladas. Você vai ver isso melhor no item específico sobre políticas de informação.

Assim, os 5 itens que estruturam esta disciplina, ou seja, "História social do conhecimento, das bibliotecas e da Biblioteconomia", "Produção e circulação social dos registros do conhecimento", "Cultura e sociedade", "Memória e patrimônio" e "Políticas de informação", possuem uma relação que, a princípio, pode não parecer muito clara. Todos os itens tratam de uma visão social do conhecimento, da informação, da biblioteca e dos materiais com os quais esta trabalha.

Boa parte da população acredita que o bibliotecário trabalha apenas com o livro e com a leitura, apenas emprestando e permitindo o acesso ao livro nas dependências do espaço físico da biblioteca. Essa concepção é restrita e possui duas ideias básicas errôneas: a) o bibliotecário se preocupa apenas com o livro (vamos deixar claro: o bibliotecário trabalha com a informação; os materiais que contêm informações, entre eles o livro, são de interesse para o profissional); b) as bibliotecas visam a preservação dos livros (na verdade, a biblioteca se preocupa em disseminar a informação e permitir a recuperação de informações que sejam de interesse dos usuários).

A atuação do bibliotecário não é isolada, ela está envolvida com tudo o que acontece na sociedade. Assim, é esse profissional objeto – na me-

dida em que sofre interferência das transformações sociais – e sujeito – uma vez que interfere nessas transformações.

Para encerrar a unidade, vale destacar uma citação de um grande escritor brasileiro, *Mário Quintana*:

> *"Livros não mudam o mundo,*
> *quem muda o mundo são as pessoas.*
> *Os livros só mudam as pessoas."*

A frase refere-se ao livro, mas pode ser empregada em referência à biblioteca e ao bibliotecário.

1.4.1 Atividade

Veja a matriz curricular deste curso. Atente para as disciplinas e veja se consegue estabelecer relações entre elas.

Resposta comentada

Analisando a matriz curricular deste curso, podemos perceber que a coordenação teve uma grande preocupação em elencar disciplinas que atendessem às exigências para uma adequada e boa formação do bibliotecário. São cerca de 50 disciplinas que abordam os domínios mais diversos, próprios da Biblioteconomia ou relacionados a ela.

Repare que há disciplinas voltadas mais para os aspectos técnicos do fazer do bibliotecário (como "Normalização Documental", "Redes de Computadores" e "Conservação, Preservação e Restauro") e outras norteadas para um conhecimento mais amplo, não especificamente restrito aos espaços de atuação profissional (como, por exemplo, "Políticas de Informação" e esta própria disciplina "Biblioteconomia e Sociedade").

Não custa lembrar: a formação de qualquer profissional implica prepará-lo para fazeres específicos, mas também implica pensar em seu desenvolvimento social, humano, cidadão.

1.4.2 Atividade

Procure lembrar de alguma música, alguma poesia, algum conto, quadro ou filme em que haja referência à memória, ao passado das pessoas, do grupo ou do país. Registre suas impressões.

Semestre 1

Resposta comentada

Você pode ter lembrado de inúmeras obras diferentes, já que as artes são fartas na abordagem desse tema. O pintor basco *Salvador Dalí* tem um quadro sensacional intitulado *Persistência da Memória* (eu só não o reproduzi aqui nesta unidade por causa dos direitos autorais).

Todas as autobiografias são, no fundo, livros de memórias, mas há livros de outros gêneros que lidam com esse tema, como o romance *Para Sempre Alice,* que, inclusive, deu origem a um filme homônimo, estrelado pela *Julianne Moore.*

Há também muitas poesias que tratam da memória, como a *Canção do Exílio*, de *Gonçalves Dias*, cujos versos iniciais "Minha terra tem palmeiras/Onde canta o Sabiá" quase todo mundo conhece.

Você também encontrará vários filmes abordando essa temática. Uma série muito comentada e que possui alguns episódios que podem servir de exemplo é *Black Mirror*.

1.5 RESUMO

A história do conhecimento não está restrita apenas aos materiais que permitem seu compartilhamento. Ao contrário, ela está diretamente vinculada à sociedade. Os materiais que possibilitam o compartilhamento do conhecimento são produtos das transformações sociais. Não são eles isentos, como será visto mais adiante nesta disciplina. Se isso ocorre com o conhecimento, que é algo mais abstrato, também se dá em relação às bibliotecas e à área da Biblioteconomia.

O tema cultura é bastante complexo, uma vez que essa palavra é polissêmica, ou seja, tem muitos significados. Já foi usada – e ainda é, mesmo que de forma inconsciente – como sinônimo de erudição, de sabedoria. Na área da Biblioteconomia, atualmente, entende-se o termo dentro de um conceito mais antropológico.

É possível perceber que o conceito de "memória" não existe sozinho, mas umbilicalmente preso ao conceito de "esquecimento". Na Biblioteconomia, assim como na Ciência da Informação, memória não diz respeito exclusivamente ao armazenamento e conservação de materiais e à preservação da cultura de um povo, mas também se volta à disseminação do conteúdo armazenado e preservado.

Vale destacar que a relação das bibliotecas, do conhecimento e da informação com a sociedade dá-se também, e de maneira formal, pelas políticas públicas governamentais. São elas que determinam o que será prioritário no país no âmbito da informação, seja esta científica, tecnológica ou pública.